



Propriedade da Empresa do "Barcellos-Revista,,"

DIRECTOR : EDUARDO LARCHER MARÇAL.

COMP. E IMP. CENTRO DE NOVIDADES—BARCELLOS

Trindade Coelho

A' Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria Lucilla
Trindade Coelho.

TENHO á minha frente e li com piedosa devoção a Auto-biographia e as cartas de Trindade Coelho, ha pouco publicadas.

E' um livro que bem merece ser lido porque nos põe na educativa intimidade de uma grande e lucida intelligencia e de um nobre e puro character.

E' um livro forte e são porque é o retrato fiel de uma alma superiormente boa, energica e delicada.

Ha, é verdade, um traço sinistro de tragedia nas cartas que precederam o suicidio de Trindade Coelho.

Mas ainda nessa parte esse livro é uma grande lição, embora dolorosamente amarga.

Ensina-nos que é criminoso o nosso *indiferentismo* quando uma grande figura moral como a de Trindade, se ergue no nosso meio, e quer sinceramente trabalhar pelo bem do Povo. Ensina-nos que a devemos escudar, juntarmo-nos em volta della, em phalange cerrada, para que contra ella se quebre em vão a onda esmagadora da calumnia, do desprezo, da injustiça.

E' preciso que não lhe demos o direito de morrer assim de desespero e tristeza, depois de uma longa vida de trabalho pelo bem geral, vida inteira de generosidade e de altivo e puro desinteresse.

Porque ha, em toda a vida de Trindade Coelho e na sua obra, um largo e nobre sentimento que se alastra por ellas, como um jorro de luz clara e forte, a anima-las, a aquece-las, a illumina-las : o seu amor pelo Povo, pelos fracos, pelos opprimidos, pelos ignorantes.

.....
Foi assim que, delegado em Portalegre, conseguiu rehabilitar, Manoel Barradas que um espantoso erro de justiça condemnara a 8 annos de prisão maior cellular, seguidos de 20 de degredo. Para isso trabalhou com uma energia, uma tenacidade e um enthusiasmo admiraveis, enthusiasmo que o seu nobre coração punha sempre ao serviço de qualquer causa nobre e justa.

A alegria que elle sentiu quando venceu essa aspera lucta, revela-a Trindade com um calor e uma simplicidade tocantes, numa carta ao dr. Antonio Carvalho: «O perdão do desgraçado Manoel Barradas cahiu sobre a minha vida como uma grande benção.

Só hontem comprehendi que não sou um inutil. A minha vida humilde, á custa da minha pobre humildade, teve hontem perante a minha consciencia e perante a consciencia do meu trabalho um lampejo extraordinário.

nario de victoria. Livrei, um desgraçado, um meu irmão, um homem, dos abysmos de um escuro poço que tinha 23 annos de profundidade...

Vinte oito annos tenho eu. Agora, parece que a minha vida se duplicou. E sinto-me, no emtanto mais novo, certamente porque me sinto mais alegre».

Estas palavras mostram em plena luz a grandeza e a nobre ingenuidade da sua alma.

Ahi mesmo em Portalegre sustentou outra lucta altivamente vigorosa contra a politicagem local que o queria *dobrar* aos seus caprichos e faze-lo seu instrumento.

Trindade reagiu com um digno desassombro e travou uma aspera batalha com o caciquismo local, cortada dos episodios mesquinhos e burlescos, inevitaveis nestas guerras de baixa intriga.

Quem conhece o que são essas luctas nos meios pequenos, sabe bem como em torno dellas fervilham a calumnia, as vaidades, os amores proprios offendidos, os baixos rancores pessoais, como num charco pequeno fermentam productos em decomposição, estragando, envenenando tudo.

Mais que uma grande campanha, essas guerras pequeninas, que se passam a metade na sombra e no silencio, enervam, irritam, desanimam. Pois o grande character de Trindade resistiu-lhe valentemente quatro longos annos.

E por fim impoz-se, venceu. Foi a politica quem se *dobrou* á inflexibilidade do delegado que «cortava a direito».

E tanta energia mostrou Trindade nessa

lucta que o Procurador Geral da Coroa que o mandou chamar, ao ve-lo tão novo, na apparencia tão creança, exclamou admirado, porque o não conhecia :

— O meu delegado em Portalegre? Não pode ser! O meu delegado em Portalegre ha-de ser um homem alto e de barbas.»

Era assim o character de Trindade: cheio de uma energica e rude altivez quando luctava

contra a iniquidade dos poderosos, de uma terna delicadeza de mulher quando se enternecia e trabalhava pela sorte dos humildes.



Trindade Coelho

Em quasi toda a obra de Trindade ha uma sadia e generosa preocupação de escrever para o povo cuja miseria e ignorancia o entristeciam e indignavam.

E assim, para os opprimidos pela torpe especulação dos agiotas, escreveu o seu: *Remedio contra a usura*, em que aconselha os habitantes do Mogadouro a fundar uma caixa economica. Para os que não conhecem os seus deveres civicos, para

as victimas dos eleicoeiros, dos especuladores da politica, escreveu a *Cartilha do Povo*, em que ha duras chicotadas de justiça e um nobre e altissimo civismo.

Para os analphabetos compoz carinhosamente o seu A B C do povo.

Para vulgarisar entre nós os elementos da cultura geral que o povo deveria ter, escreveu o *Pão Nosso*, pequena encyclopedia, imperfeita, mas muito interessante e instructiva.

E ainda para «educar, para crear uma opinião individual consciente e uma opinião publica vigorosa» escreveu Trindade Coelho o

seu *Manual Politico do Cidadão Portuguez*.

Nesta obra reuniu Trindade, com um trabalho collossal, todos os conhecimentos elementares do nosso direito publico que *um cidadão consciante* precisa de possuir. E por isso, e como é animado de um largo e rasgado espirito democratico, *O Manual Politico*, é um livro altamente educativo e moralisador.

Todas estas obras são escriptas, em um estylo chã, simples e sobrio, para que todos a entendam e todos com ellas aproveitem.

E' que Trindade Coelho era eminentemente um vulgarisador.

Para isso o seu espirito possuia em elevado grau duas grandes qualidades: a de simplificar os assumptos, descarnando-os, reduzindo-os, ás suas linhas mais em relevo que os olhos menos perspicazes apprehendem sem esforço; e a de escrever com uma transparente simplicidade numa linguagem, sobria, singela e pittoresca, como o fallar do povo, que elle tanto amava.

Nos seus trabalhos juridicos, não ha o formalismo pretencioso, das vulgares obras de direito. E n'elles, como sempre, revela Trindade Coelho a sua constante preocupação de tornar claros e francamente accessiveis todos os assumptos.

E todos elles na verdade, tocados pela clara lucidez do seu espirito, apparecem facteis, logicos e singelos.

Nos seus contos é Trindade Coelho um superior e delicado artista.

E' sobretudo a simplicidade e o burlesco da nossa vida de provincia; a doçura e a suavidade da nossa paizagem; a alma do povo na sua rustica ingenuidade; as barulhentas alegrias que o divertem e as resignadas amarguras que o entristecem que Trindade nos descreve amorosamente, com uma sentida e delicada emoção.

Por isso os seus contos «Os Meus Amores» são mais sentidos do que pensados, sabem mais do coração que do cerebro.

São «*saudades* da sua terra» como elle dizia; mas não *saudades* apagadas, enfraquecidas pelo tempo e pela distancia; *saudades vivas*, profundamente *vividas* porque

Ô Meu Ôrgulho

*Hei-de seguir-te sempre, até que um dia
Por mim vencida ao meu amor attendas.
E esse teu corpo que de me mim fugia,
Cêga, ao meu corpo loucamente o prendas.*

*Hei-de vencer-te! Para mim seria
Glorioso o instante em que um por um me vendas
Todos os beijos que por zombaria
Guardas de mim como subidas prendas!*

*Has-de, acredita, um dia quasi louca,
Dar-me a beijar essa arrogante boca
Como uma taça polluida, gasta.*

*Mas não te beijarei se o imaginas.
Porquanto mais de mim tu te aproximas
Mais este orgulho, amor, de ti me afasta!*

Do livro «Sistros»
(a sahir brevemente)

Raul Martins.

Trindade, vivia com os seus personagens, sentindo, alegrando-se e soffrendo com elles.

Ha dois annos já, ha dois longos annos que um movimento de suprema e ultima revolta, de suprema amargura, de supremo desespero roubou Trindade Coelho á vida.

Estive com elle poucos dias antes e com que dolorosas apprehensões o deixei!!

Nos seus olhos grandes, vivos, luminosos, da luz vigorosa e clara que vem de dentro, das almas fortes e boas, como eu sempre os vira, havia quando pela ultima vez lhe fallei uma grande e pesada sombra de tristeza e de desanimo.

Na sua voz cheia, sonora e profunda, como o som de um «sino grande», voz feita para cantar a alegria da vida e a energia e a força de viver, como eu sempre a ouvira, havia um doloroso accento de amargura e de canção.

E quando eu lhe fallava no seu dever de resistir, de ser forte porque um homem como elle, não tinha o direito de deixar-se succumbir; quando lhe disse que o seu



DR. SILVA :

—Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo.

ABBADE :

—Para sempre seja louvado. E diabos levem esta politica de

«Agora viras tu,
Agora viro eu,
Agora viras tu,
Viras tu mais eu.»

A. S.

grande e honrado esforço, a sua larga e sã orientação eram mais que nunca precisas agora, que em Portugal se esboçava um largo movimento de renovação social: Trinda-de respondeu-me num immenso desanimo que o seu desejo era nunca ter sahido da aldeia humilde onde nasceu e ser simples e ignorante como os lavradores da sua terra; não pensar, não escrever, não ter desejos, não lutar . . .

A isso o tinham reduzido: a duplicidade, a falta de escrupulos, a torpe ingratiidão dos nossos politicos.

J. B.

AS ELEIÇÕES

NÃO sei se foram mais divertidas no tempo do sr. D. Miguel — «que *batia* o fado enquanto o povo o *gemia*» — do que promettem sel-o n'este anno da graça, já bem entrado em agosto . . .

Que fornecem ricos fautores para os psychologos e não menos pasto aos ironistas, isso é que não aguenta duvida.

O chronista vae segurando para os pósteros conforme pôde, que não é mesmo nada, e da maneira que sabe, que é menos, alguns flagrantes que documentem de algum geito a physionomia das eleições na terra de Filippa Borges e do artistico Senhor dos Passos.

Retirar da vida ao portuguez ou, mais propriamente, ao minhoto, a feira, a festividade e as eleições, é furtar-lhe, sem attentar contra o Codigo Civil, tres animados, tres estrugidores numeros d'um programma variadissimo e animado.

Ha um inteiro, um integro parentesco, de raizes bem introduzidas para o fundo, entre eleições, festividades e feiras.

E, assim, o Zé pertence-lhes, como ellas fazem parte de si . . .

As eleições teem, como as festividades, os *votos* que não se limitam á intercessão do orago para a cessação da calamidade dos calos ou desobstruição da pedra da bexiga, mas trazem a obrigante do filho livre nas inspecções ou da distincção do rapaz no exame á porta.

Teem, tambem, *musica* que é a *cantata* que a pauta no conjuncto das cinco linhas pararellas não é assás sufficiente para aguentar, mas que a loquella do chefe politico substitue poderosamente, ferindo todos os diapasões e arrancando até o classico dó do peito !!

As eleições teem, como as festividades, *fogo de artificio* desconhecido ainda da pyrotechnia, pois entra menos n'elle a chimica do que a labia, a ronha, a solercia.

Teem, igualmente, as *promessas*, que não implicam com o sacrificio de ir a S. Torquato, sem *dar dous dedos de gramma-*

CONTOS

ULTIMA DADIVA

lica pelo caminho, ou com a originalissima e não menos pittoresca ideia de transportar uma rasa de sal, á cabeça, desde Villar de Frades á Abbadia de Longe, conforme aconteceu a uma coeva do dr. Augusto Mattos e do não menos Mattos, padre Agostinho.

Promessas, porém, que anguram estradas até á porta das propriedades de altas influencias, pontes que ligam não só duas margens, mas conduzem depressa a casa d'algum eleiçoeiro-mór.

Teem as eleiçõs, como as festividades, *martyres*, *bemaventurados* e *santos*.

Teem *martyres* de muita força de pau, de muita sorte de intrigas, de muita vingança mesquinha.

Teem *bemaventurados* que vão ás cadeiras do poder, á custa das mais suggestivas e arditosas *chapelladas*, ignorando, desde a raiz dos calos á raiz dos cabellos, as necessidades d'este alegre povo que vive no trabalho a cantar, para allivio do peso que lhe acarreta a conquista da borôa.

Teem *santos* canonisados pela consciencia popular, isto é: os abnegados, os desprendidos, os justos, que á custa de todos os sacrificios, nas maiores crises da sua vida, apparecem com o verbo quente ou com a espada relampagueante, a acudir á Patria em perigo.

As eleiçõs podem comparar-se, da mesma forma, ás feiras.

Ha *offerta* e *compra* de votos.

Emfim realisam-se transacções vestindo por diversos figurinos, conforme o tempo e os personagens, e... o estomago de cada um.

*

Em Barcellos tudo corre ás mil maravilhas!

O concelho tem as estradas intransitaveis. A villa necessita de agua e esgotos...

Mas nós somos correligionarios politicos do sr. conselheiro José Novaes, do sr. dr. José Ramos e do sr. dr. José de Castro, e se não lhes damos o voto é porque o não temos...

A. SOUCASAU.



DISTANTE do rio apenas um tiro de bala ficava o horto do José Cosme, bello horto ainda que pequeno, todo mimoso de fructas e hortaliças, fechado entre velhas paredes musgosas, atufadas em silvedo, communicando com a estrada por um pequeno portêlo mal seguro. E eis ahi quanto ao pobre homem restava dos seus antigos haveres: — o horto, a um canto a nora, e perto da nora sob a umbeila tufada e virente da antiga magnolia gigantesca, a misera casinhola de alpendre, apenas com uma porta e duas janellitas late-



DR. RAMOS;

—Mas teremos ao menos uma votação superior a quarenta votos?

LAVRADOR FINGINDO NÃO PERCEBER:

—Este anno o borraçal carregou. A respeito de americano é que a aneza é má.

(Ao perto o Luiz Ferraz faz alta reportagem).

A. S.

raes, mas toda pittoresca das heras que a revestiam, que lhe pendiam dos beiraes enlaçadas com as trepadeiras.

De modo que na primavera, quando as parasitas abriam serenamente os seus melindrosos calices sobre esse fundo de verdura reluzente, e a magnolia toda se toucava de flôres fazendo docel á vivenda, aquelle pequeno canto d'horto, com a sua nora e com a sua agua espelhante e limpida, tomava a feição ingenua de uma delicadissima tela de paizagista, aquarella deliciosa, alegre e idyllica, cheia de encantos na poesia rustica da sua simplicidade.

No verão, ás horas de calor, quando o sol cahia a pino sobre a larga paizagem adormecida e turva, e as arvores da estrada não davam sombra que alliviasse, aquella tranquillidade com que José Cosme resonava sobre o alpendre, braços nus e peito nu, o chapeirão de palha grossa resguardando-lhe a cara, fazia inveja aos que por alli passavam, cançados e cheios de poeira, flagellados por aquella estiagem inclemente.

—Ó tio José! — gritavam-lhe do caminho.

—Tio José! Ó regalado!

Mas os que entendiam de lavoura, proprietarios e maioraes, deixavam dormir o José Cosme e ficavam-se a admirar o horto.

Ora na verdade! . . . Bello horto, sim senhores! Por aquellas redondezas não havia outro que se lhe comparasse, tão esmerada era a sua cultura — tão esmerada e tão completa, pois que de mais a mais nem palmo de terra ficára inculto. Nas leiras, dispostas com symetria agradável, verdejavam cheios de viço, frescos e medrados, legumes de todas as castas — desde a alface muito tenra, de folhas verde-claras, toda acaçapada no chão humido das regas, até ás trepadeiras das vagens que enroscadas ascendiam pela basta «rodriça» de castanho aparada com todo o esmero, formando massiços de verdura sombria que os casulos esguios dos feijões crivavam de alto a baixo. Arvores, apenas as precisas para aformosearem o horto, sem prejudicarem com a sombra a vegetação franca das hortaliças. Mas todas as que havia eram mimosas de fructas nas estações competentes — cerejas, peras, maçãs, pêcegos mesmo.



Fallavam tão'baixo que o reporter apenas ouviu dizer ao rev.º :

—Dr. Mattos Graça, Deus é bom mas o Diabo também não é mau . . .

Enquanto uma voz, á surdina, clamou :

—Tão bons são uns, como outros . . .

A. S.

Poucas flôres: uma coisa que todos notavam com extranheza. Mas desde que lhe morrera a mulher mais a filha, o José Cosme deixára-se de as cultivar, e nos canteiros assim devolutos tinha semeado repolhos, que por signal vinham enfezados. Sò teve o cuidado de não deixar morrer os goivos. Uma vez por anno, em fins de Maio, colhia-os todos de uma vez, e ia levál-os em braçado á sepultura rasa das suas defunctas.

Exactamente n'essa tarde tinha elle ido ao cemiterio fazer a funebre visita. Quando se recolheu era já noite. Mal acabou de ceiar levantou-se bruscamente da mesa e foise para o horto, com uma grande vontade de chorar. Estava nas suas horas tristes, n'essas horas em que as energias todas da sua alma e até as do seu corpo vergavam sob o flagello d'uma dôr violenta, exarcebada ago-

SONETOS DE AMOR

SUPPLICA

Senhora!

*Aos vossos pés, d'amor rendido,
Eis-me a trovar a graça que resalta
Do vosso rosto lindo e preferido
Pleno da luz gentil que o ceu esmalta.*

*Prouvera a Deus que inspiração mais alta
Vibrar fizesse o estro já ferido
Nas commoções d'amor, e que, essa falta,
Da vossa alma perdão tivesse obtido.*

*Ouvi-lhe a trova, a queixa apaixonada,
Gemendo os ternos ais d'um coração
Que sente a liberdade eseravisada*

*Aos elos doces-tristes da paixão!
E, n'esta noite escura, consternada,
Dae-lhe d'esp'rança o tímido clarão!*

Barcellos — Agosto de 1910.

ARNALDO BRAZ.

ra pela saudade dos que lhe tinham morrido . . . E para maior desgraça fugira-lhe o bem das lagrimas. De modo que sem esse lenitivo, aquellas medonhas tempestades custavam o dôbro a supportar.

Abstracto, n'uma especie de entorpecimento idiota, percorria sem descanço todas as ruas do horto, cabisbaixo, acabrunhado, autómatto. Se por vezes parava, recolhendo-se n'uma quietação attenta, logo um gesto brusco desmanchava a sua immobildade de estatua, soltava um fundo gemido, e punha-se de novo a andar.

—Vens ou não vens?! — perguntava elle, evocando com dorido esforço a imagem da mulher ou da filha. Não vinha; e quando apparecia era como se fôsse um relampago: apagava-se logo.

N'esta lucta com a sua dôr as horas iam passando longas. Era já tarde, talvez uma da noite. Luz, apenas a das estrellas, pois que o luar nascia tarde. Pesava sobre toda a paizagem o largo silencio da noite, apenas cortado, ao longe, pela melopeia somnolenta do rio.

Um rapaz que ia na estrada olhou por acaso para o horto do José Cosme e viu um vulto perpassar de repente e de repente sumir-se n'um recanto, onde a sombra era mais densa.

—Temos historia . . . — resmungou consigo o rapaz.

E, rente a uma arvore, quedou-se alapardado, á espreita. Não desconfiou que fôsse o José Cosme: aquillo era mariola de larpio que vinha por alli fazer das suas. Agachou-se então, e pôz-se a procurar uma pedra. Apanhou duas, para o caso de não acertar a primeira.

—Cão do diabo! — exclamou baixo o rapaz, pondo-se em posição de jogar a pedra.

—Espera que eu te arranjo . . . — E já ia arremessál-a na direcção do canto, quando o vulto sahio da sombra e tomou por um carreiro, direito ao logar onde o rapaz estava.

—Melhor! Mais a geito ficas . . .

E debruçando-se um pouco na parede, pôz-se a fixar o vulto que avançava, para vêr se o conhecia. Quem quer que era trazia a jaqueta sobre os hombros, alvejavam-lhe as mangas da camisa. A meio do carreiro, mes-

mo defronte d'elle, parou. Foi então que o rapaz se lembrou do José Cosme. O vulto parecia, com effeito, ser o d'elle; lembrava-se agora de ter ouvido que o pobre homem, quando o ralavam saudades da mulher e da filha, levava noites em claro, a percorrer aquelles carreiros por onde ellas tinham andado.

Quando ouviu soluçar, acabou então de se convencer. Insensivelmente, deixou cahir as pedras e perguntou:

—Tio José! Ó Tio José! Sou eu, o Luiz . . . Vossemecê que tem?

O lavrador não respondeu, parece que nem tinha ouvido. O rapaz insistiu:

—Doe-lhe alguma coisa, ó tio José?!

—Não dóe, não! Sabes que mais? peço-te pelas alminhas que me deixes. Bem me bondam as minhas afflicções. Vae com Deus, vae!

O rapaz ficou surprehendido, triste do tom de supplica dorida que o José Cosme dera áquellas palavras, e retirou-se silencioso, quasi aterrado agora com a ideia de que pode-

ria ter matado o pobre homem, caso jogasse a pedra.

No entanto a noite ia avançando, grave, soturna, sem outro ruído que não fôsse o das aguas do rio. E o José Cosme, sem despegar do seu fadario, ia e vinha pelas ruas do horto, lembrando um autómato ou um somnanbulo. Às vezes abeirava-se da porta de casa e punha-se a escutar. Como não sentia nada, voltava de novo ao seu passeio. N'isto, de uma vez que passava em frente do cancello, pareceu-lhe ouvir passos.

—Ó Thomaz! . . .

—Sr. José! — respondeu o que entrava, n'uma voz que era mesmo voz de barqueiro.

O Cosme sentiu então uma grande vontade de chorar, mas remordendo os beiços dominou-a. Como o barqueiro extranhasse encontral-o a pé, elle então redarguiu-lhe que nem se tinha deitado.

—Como tinha de madrugar . . .

—Pois são horas de largar, sr. José; isto vae p'r'as duas. Não tarda que comece a amanhecer. — E como estavam á porta de casa: — Será bom acordar já o pequeno: veste, não veste, é tempo que se vae. — Iam á véla se o tempo não mudasse. Era bom aviar, por isso.

Mas á ideia de ter de acordar o pequeno, o José Cosme deixou-se cahir sobre o banco que estava debaixo do alpendre, e desatou a chorar violentamente.

O barqueiro tentou animal-o, constrangido:

—Então, sr. José? . . . O chorar é lá para as mulheres! Olhem agora que homem! —E tentava levantál-o, pôl-o de pé. — Limpe lá essas lagrimas, que vae affligir o pequeno! Ou quer que elle vá a chorar todo o caminho?

O Cosme fez que não com a cabeça, violentamente, e pôz-se a enxugar os olhos com a manga da camisa.

—Pois então levante-se lá. E segurou-o com força por baixo dos braços. —Assim! Lá por que o pequeno vae para o Brazil não fique vossemecê a pensar que o não torna a vêr!

Mas era isso mesmo o que elle pensava...

—Porque não sei que me adivinha que não torno a vêr o pequeno! — concluiu a chorar o José Cosme.

—Scismas! lembranças que veem á gente quando está afflicta. Mas ha-de vêl-o que o não ha-de conhecer, digo-lh'o eu! Mais anno menos anno apparece-lhe ahi rico . . .

«Rico! bem lhe importava a elle que o pequeno viesse rico! O que desejava era que voltasse, e que elle ainda fôsse vivo só para o abraçar.»

«Pois sim, mas era preciso aviar, que tivesse paciencia: o José Cosme que se animasse para animar o pequeno» — recommendava o barqueiro.

—Sim . . . sim . . . — tartamudeava o Cosme. — Vamos lá com Deus! Com'assim...

E n'um pequeno ai dolorosissimo, foi-se direito á porta para chamar o pequeno. «Não havia remedio, tinha nascido em má hora, havia de ser desgraçado até que o levassem para a cova» . . . Sobre a estreita e humilde cama o filho dormia profundamente. Que dôr, ter de o acordar! Vieram-lhe tentações de mandar embora o Thomaz e deixar dormir a creança. Quem sabe se a sua sorte futura, se toda a sua vida, valeria a boa tranquillidade d'aquelle somno! Não tinha coragem para o acordar, fazêl-o vestir: era quasi um peccado quebrar aquelle ultimo somno dormido sob o tecto paterno . . . «O ultimo somno! o ultimo somno!»

—Ainda se o deixassemos acordar . . . aventurou-se a dizer o triste.

Mas o Thomaz que estava com pressa, lembrou seccamente que eram horas de pôr o barco a andar.

O José Cosme accendeu então a candeia, receoso de que a luz o acordasse, e chegando-se do filho pôz-se a escutar-lhe a respiração. Dormia! . . . Mas brandamente pousou-lhe a mão sobre a cabeça e chamou baixinho, quasi ao ouvido, beijando-o, sobresaltado como se fôsse praticar um grande crime:

—Filho, olha que são horas, meu filho . . .

Quando o pequeno se sentou na cama, estremunhado, ainda sob o estonteamento do somno, cerrando os olhos áquelle hostilidade viva da luz, o pae agarrou-se a elle n'um abraço, e ambos romperam a chorar.

—Adeus, pae!

—Adeus, filho!

Confrangido, o Thomaz que se deixára fi-

car á portá, avançou para desatâr àquellê abraço.

—Olhe que é tarde, sr. José! Perdõe, mas olhe que é tarde!

O pae vestiu o pequeno, beijou-o ainda muito, e sahiram. Debaixo do alpendre, o Joaquimzito ficou-se um instante a olhar o tecto.

—A andorinha, filho?! —perguntou o José Cosme.

—Deixa que eu hei-de olhar por ella, mais pelos filhos quando os tiver! Vae socego.

Mas o pequeno quiz vê-la, pediu ao pae que o erguesse, era só um instante. Lá estava ella, coitadinha! sentiu-a estremecer quando lhe tocou com as pontas dos dedos...



DR. GONÇALO :

—Quero homens fortes, de situação definida e não d'estes que querem agradar a meio mundo sem aliás agradarem a ninguém.

O confabulante da saca, profundamente comprometido, sem perceber,:

—Sr. doitor, se vossa inselencia soiber quantas peras tenho aqui dentro d'esta taleiga, dou-lh'as todas scis.

A. S.

—Adeus! — disse-lhe o pequeno afagando-a.

A esta palavra, o pae retrahiu os braços e tomando o filho ao collo seguiu. Atraz, o barqueiro levava ao hombro a misera arca de pinho : toda a bagagem do Joaquim.

Ao transpor o cancêllo o José Cosme de-teve-se um pouco e perguntou soluçando :

—Quando voltarás ao horto, meu filho?!

O pequeno não respondeu. Chorava constantemente de vêr que o separavam de tudo o que adorava—a andorinha, depois da andorinha o horto, as arvores, a velha nora, o cancêllo, tudo emfim!

Atravessaram então a estrada e tomaram para a banda do rio. Quando o sentiram murmurar, apertaram mais o abraço, deram-se um longo beijo, humido das lagrimas que ambos derramavam. Ah, como o triste pae desejava que o rio ficasse ainda longe, muito longe, que fugisse deante d'elles, de modo que nunca o alcançassem! Mas eis que a areia principiava, divisava-se já perto o vulto escuro do barco onde os da tripulação fallavam alto.

—Prompto? — perguntou ainda de longe o Thomaz.

Do barco responderam que era só marchar, de mais a mais ia romper a lua.

Chegaram emfim. N'um leve silencio d'acaso ouviam-se os soluços dos dois, parece que prolongados infinitamente, na sua expressão de angustia, pelo deslisar monótono das aguas... Aquillo confrangia o barqueiro, elle tambem era pae... Por isso, mal chegaram á beira do rio, apressou-se a dizer para o pequeno :

—Ora bem, Joaquimzinho, beija a mão a teu pae e diz-lhe adeus.

Ouviu-se um chorar lancinante, a voz do pobre José Cosme a querer animar o filho :

—Então, meu filho?... Deus te abençõe, meu amor... Nossa Senhora te veja ir. —E fez-lhe prometter que havia de rezar sempre a Nossa Senhora: elle tambem rezaria, pois era ella quem dava saude, quem fazia a gente feliz...

—Não te esqueças d'ella, mais da alminha de tua mãe e de tua irmã!

Mas o pequeno chorava cada vez mais, agarrado ao pescoço do pae, beijando-o so-

fregamente, acarinhando-o, sem forças para dizer palavra. Então o José Cosme, perdido a esperança de animar o filho, só exclamava desvairado:

—Valha-me Deus! O Senhor me valha pela sua infinita misericórdia!

E o Joaquim sempre agarrado a elle, beijava-o na cara, na cabeça, nas mãos. Até que o Thomaz teve de intervir: era preciso despegar por uma vez.

—Com'assim, sr. José, isto tem de ser . . .

—E segurando o pequeno com força puxou-o para elle. Quando já o tinha nos braços, ouviu-se o José Cosme que supplicava de mãos postas:

—Só um instante, só um quasinadinha Thomaz!

—E o pobre pae cahia de joelhos na areia n'uma attitude de supplica.

Mas n'esse momento, o barqueiro saltou de um pulo para o barco, levando ao collo a creança.

—Rema! — intimou em voz rapida.

O barco recuou então subitamente, ao mesmo tempo que os remos fizeram — *plhau!* — sobre a agua.

Então o chôro do José Cosme tornou-se de uma violencia desesperada, ao ouvir a voz lacrimosa do pequeno dizendo-lhe — adeus — lá do barco.

—Adeus, Joaquim, adeus!

—Adeus, pae!

—Adeus!

Mas repentinamente, com voz resoluta e firme, o José Cosme gritou na direcção do barco:

—Thomaz! ó Thomaz! Por alma de teu pae faz'lá alto um instante.

Acabou-se! custára-lhe tomar aquella resolução, mas já agora era melhor ficar sózinho de todo. E segurando nos dentes um pequeno objecto, arremessou a jaqueta ao areal e d'um lance deitou-se a nado. O Thomaz que ouvira o mergulho do corpo, fez recuar o barco; mas o José Cosme, velho nadador destemido, com meia duzia de brachadas ganhou-lhe de prompto a quilha. O filho tinha-se debruçado, na ancía de esperar o pae, de o ver ainda outra vez. N'um movimento rapido, o José Cosme entregou

Dos nossos poetas

ALEGRIA

"Le sourire du monde á mes lévres grandit.,,

E. SIGNORET

Alegria! Alegria!

O' Ceo do meu Paiz

*Onde as nuvens até são quasi luminosas,
O' Sol de Maio a rir nos canteiros de rosas,
O' Sol alegre, ó Sol vibrante, ó Sol feliz
Para quem o Inverno é um momento apenas,
Sol d'ingénuas manhãs e de tardes serenas,
O' sol quente de Julho, ó Sol das romarias
Queimando e endoidecendo as multídes sadias,
Sol candente do Algarve, ó Sol doce do Minho,
Florindo amendoeas, ou a espumar no vinho,
Sol das searas d'ouro e dos vergeis d'Ontono
Palpitanes de côr como um largo poente,
Sol que ao dormir a terra o seu fecundo somno
Lhe dá sonhos de luz voluptuosamente,
Sol das eiras de milho e da roupa a côrar,
Sol dos verdes pinbaes e das praias trigueiras,
O' sol moreno e forte a resplender no mar
Tisnando as carnações mais as velas ligeiras,
O' Sol moreno, ó Sol alegre, ó Sol feliz
Sendo ainda clarão na hora da agonia,
Canta a gloria da luz, canta a gloria do dia,
Em todo o meu paiz!*

(1) JOÃO DE BARROS.

Do seu livro "Terra Florida,, (1910)

(1) Um dos melhores poetas da geração contemporanea. — Nos seus versos ha sempre um grande e profundo amor pela vida, um são e luminoso optimismo. — São sempre uma apologia vibrante de entusiasmo, da alegria, da força, da altiva energia de viver. — Nos seus ultimos livros, sobretudo «O Caminho do Amor e Terra Florida,» a sua forma attingiu uma alta perfeição artistica e em versos soberbos de rythmo, de som, de côr, canta-nos: o seu amor pela vida serena e forte, sadia e bella.

ao pequeno o que levava entre os dentes, dizendo-lhe a chorar:

—E' a medalha Joaquim; é a medalha de tua mãe, meu filho! Reza-lhe, sim?!

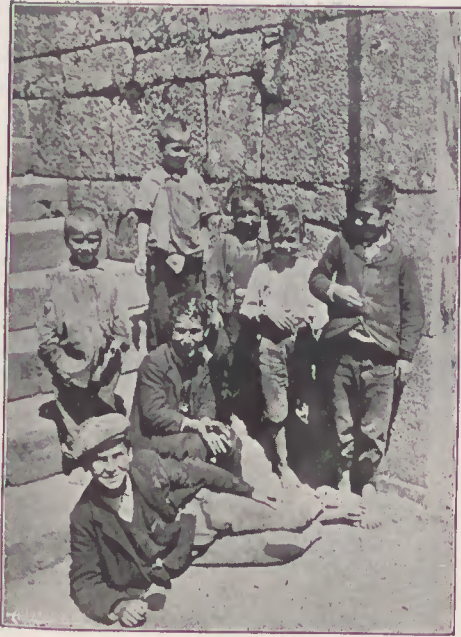
E chorando cada vez mais, o pobre José Cosme pediu ao barqueiro que lhe chegasse o pequeno para o ultimo beijo . . .

Dado o ultimo beijo, o barco pôz-se de novo em marcha. Vinha a romper a lua, enor-

Museu de vulgaridades

III

A visita de pesames



CANTINA DO BARCELLOS-REVISTA

Na expectativa do jantar...

me, torva, afoqueada, como se viesse d'algum banho de sangue em região misteriosa de lagrimas... E no silencio agoureiro da noite, apenas cortado pelo bater monótono dos remos e pelo bracejar desalentado do triste nadador, á voz do filho que chamava respondia cada vez de mais longe — longe como se fôra do Infinito! — a voz lacrimosa do pae — com o seu funebre *adeus!* que elle bem sabia ser eterno...

*

... Só quando o echo do ultimo *adeus* do Joaquim, perdido na distancia, diluido no luar que surgia, desfeito no lugente murmúrio das aguas, fundido no derradeiro suspiro da briza matinal, deixou de chegar á praia, é que o pobre abandonou o areal e se foi, sempre a chorar, tiritando ao frio da sua desgraça, como a um vento agudissimo do Pólo, na direcção do horto silencioso...

TRINDADE COELHO.

(Dos "Meus Amores 3." edição,)

O commendador Porphirio tinha morrido. A' volta do caixão, onde se espapava o *saudoso morto*, como diziam os jornaes, a viuva, as duas filhas, a D. Palmyra, a D. Januaria e as quatro manas Peixoto, vestidas de preto, falavam baixo, entrecortando as phrases com estirados *ais*, limpando os olhos.

Falavam do defunto e a viuva — a D. Rosa — que em toda a sua vida não fizera outra coisa senão contrariar e contradizer o marido, contava agora, em soluços, que se haviam dado sempre como Deus com os anjos, — ai!

E as boas senhoras acompanhavam aquelle ai, em escala, que começava nas Peixotas com um suspiro repenicado e ia acabar na D. Januaria, com um ronco prolongado, que a excellente dama fazia sempre acompanhar de um insufficiente arrote.

— Não imagina, D. Palmyra! Aquillo era um santo. Davamo-nos ainda hoje tão bem como no nosso primeiro dia de casados. Ai!

— Lá boa pessoa era elle, isso é que não ha duvida, — fazia a D. Palmyra, que não podia ver o commendador. — Nunca vi creatura mais educada. Aquillo era um verdadeiro fidalgo!

Limpavam os olhos, ageitavam os vestidos de seda preta, enquanto uma das Peixotas ia espreitar as velas de cera e a D. Januaria saccudia as moscas ao cadaver.

— Parece mesmo que se está a rir, dizia ella, olhando a caraça livida do commendador.

E um novo ai unisono abalava aquelles peitos commovidos.

Eram seis horas. As visitas começavam a sentir-se maçadas, naquella athmosphera densa, onde a fumaceira das velas espalhava um cheiro molle, que fazia dores de cabeça.

A' porta viera postar-se o Teixeira da loja de ferragens, que devia dinheiro ao commendador e que se sentia agora mais allivia-

do, certo de que a viuva se não atreveria a falar-lhe na divida.

Havia entrado, em bicos de pés, todo vestido de negro, e fôra ajoelhar-se junto do caixão, de mãos postas, numa gravidade toda solemne, a olhar de soslaio para a D. Palmyra, a quem o preto ficava bem e que fôra em tempos uma das paixões da sua sensibillissima alma de ferrageiro. Depois, ergueu-se e, sempre em bicos de pés e com a mesma gravidade solemne, fôra junto da D. Rosa, cuja mão apertou, a murmurar, numa voz a que procurou dar toda a expressão de um sentimento lancinante:

— Os meus sinceros sentimentos, minha senhora!

Disse, cortejou com a cabeça as restantes senhoras presentes e foi postar-se á porta, a olhar de esguelha para a apreciavel D. Palmyra, a quem, decididamente, o preto ficava a matar.

D. Rosa, commovida, voltou-se para a D. Januaria:

— Era um dos melhores amigos do meu defunto!

E mais uma vez o lacrimoso ai rolou em crescendo, das manas Peixoto á excellente D. Januaria, que d'esta vez sempre conseguiu abafar o arrote das grandes commoções.

No corredor havia agora um grande murmuro de vozes abafadas. Discutia-se.

Era o ferrageiro Teixeira que se recusava terminantemente a fazer parte de qualquer turno em que entrasse o Salgado da repartição de fazenda, marido da D. Palmyra, contra o qual, agora que a appetitosa senhora lhe apparecia mais tentadora e fresca do que nunca, no seu vestido preto, elle sentia renascer o seu velho odio de preterido. Por fim, tudo se acalmou, graças a uma engenhosa combinação proposta por um circumstante conciliador e, como fossem horas, tratou-se de retirar o caixão, — *para acabar com aquillo.*

Então, os chorosos ais attingiram proporções horriveis.

D. Januaria abalava a casa com os seus arrotos, enquanto a D. Rosa, não sabendo já como exprimir a sua dor, cahia sobre D. Palmyra, com um ataque.

Quando a boa senhora voltou a si tinham já levado o cadaver, debandara quasi tudo. Haviam ficado apenas D. Januaria, D. Palmyra e uma das Peixotas, que tinham pedido um *chasinho para aquecer* e que agora se abarrotavam de biscoitos

A desolada viuva, instada pela D. Januaria, tomou tambem *uma chavenasinha bem quente, que lhe havia de fazer bem.*

E enquanto no cemiterio o ferrageiro Teixeira, em commovidos termos, fazia o elogio funebre do seu credor, as piedosas senhoras, reconfortadas pelo chá, cahiam a fundo sobre — *estas porcas d'estas creadas de servir, que não se podem aturar...*

SIMÕES DE CASTRO.



CANTINA do «Barcellos-Revista»

No ultimo sabbado inaugurou-se a cantina, de que no ultimo numero fallamos. Demos uma refeição a 7 rapazes pobres que comeram com todo o conforto, n'uma sala que a extrema amabilidade dos Srs. Condes de Villas Boas nos cedeu para esse fim. Era uma coisa enternecedora vêr esse grupo de creanças, jantando alegremente a uma meza em que a alvura do linho e as côres vivas das flores, punham uma nota clara de frescura, de graça e de alegria.

Os rostos das creanças, acanhados e re-trahidos a principio, animavam-se gradualmente e havia n'elles depois um bom clarão de conforto, de socego, de bem estar.

Continuaremos a trabalhar por esta sancta instituição e de novo pedimos a todos os Barcelenses que nos auxiliem n'esta obra, para podermos dar ás creanças uma refeição diaria e mais tarde mesmo vestuario e dormida.

Aos Srs. Condes de Villas Boas o nosso reconhecido agradecimento por todas as suas gentis amabilidades.

Deixou de ser collaborador d'esta «Revis-ta» o sr. Illidio Nunes que por carta nos communicou a sua resolução que muito sentimos.

Agradecemos-lhe a sua collaboração e a maneira correcta e amavel com que procedeu para connosco.